

Artigo publicado no seguinte livro: Silami Garcia, E.; Lemos, K.L.M. Temas Atuais VII: Educação Física e Esportes. Belo Horizonte: Editora Health, 2002. p. 09-26.

## **Família e esporte: uma revisão sobre a influência dos pais na carreira esportiva de crianças e adolescentes**

Luiz Henrique Porto Vilani<sup>1</sup>

Dietmar Martin Samulski<sup>2</sup>

### **Introdução**

O contexto atual da Psicologia do Esporte aplicada no desenvolvimento de jovens atletas constitui-se uma área ainda bastante controversa. São muitas as pesquisas que destacam aspectos positivos e negativos do esporte para crianças e adolescentes (BYRNE, 1993:39). Dentre as diversas variáveis que influenciam no processo de desenvolvimento do atleta neste contexto, as interferências advindas das inter-relações sociais constituem aspectos fundamentais para o estabelecimento de um ambiente com condições favoráveis para o processo de formação do atleta. A este respeito, HELLSTEDT (1995:117) apresenta a família como o ambiente social primário onde o jovem pode desenvolver sua identidade, auto-estima, e motivação para o sucesso. A carreira bem sucedida do atleta muitas vezes pode ser creditada aos familiares pelo encorajamento, aquisição de valores, além de todo amor e suporte necessários durante a carreira.

Infelizmente, a família também pode apresentar aspectos negativos no desenvolvimento do desportista. A alta exigência e cobrança dos pais podem promover uma atmosfera de regras rígidas e expectativa irreais. Para HELLSTEDT (1995:117), um ambiente familiar desorganizado causa relações interpessoais inadequadas, problemas de aceitação ao treinador, e a deficiência de controle interno e auto disciplina do atleta. Outra questão que pode ter um efeito altamente negativo ressaltada por este autor, é a influência excessiva ou ineficaz (sub envolvimento) da família no esporte em questão.

Sob uma outra ótica, FERRAZ (2002:25) destaca que o principal argumento de muitos pais, professores e pesquisadores que questionam o envolvimento de crianças e adolescentes

---

<sup>1</sup> Mestrando em Educação Física; Psicologia do Esporte (EEF/UFMG); Coordenador do Comitê de Ciências do Esporte da Confederação Brasileira de Tênis de Mesa - CBTM

<sup>2</sup> Doutor em Psicologia do Esporte (Univ. Colônia / Alemanha); Coordenador do Laboratório de Psicologia do Esporte (CENESP / UFMG)

no ambiente esportivo, “diz respeito, principalmente, à precocidade com que crianças são submetidas a competições esportivas e a processos de treinamento sistematizado, podendo provocar efeitos psicológicos negativos ao desenvolvimento harmônico da personalidade.

Na realidade, a natureza do esporte em que a criança está envolvida é definida por uma série de relações. Conforme KORSKAS (2002:41) “toda prática esportiva oferecida às crianças e aos adolescentes é permeada por ações adultas – dos pais, dos dirigentes, dos professores, dos técnicos, dos árbitros; todos interferem de alguma forma nas experiências esportivas de seus praticantes”. BYRNE (1993:40) sistematiza estas ações em um círculo de influências (técnicos, professores, pais, árbitros, torcedores, clubes, etc.) Figura 1, que age direta ou indiretamente estimulando a criança e definindo o ambiente no qual o jovem atleta estará interagindo, consistindo o principal aspecto que definirá os benefícios e/ou prejuízos que envolvem a formação do jovem no processo de ensino-aprendizagem-treinamento da modalidade que ele pratica.

De acordo com BRUSTAD (1993:709) esta influência dos adultos no esporte chega a ser perversa. As ligas esportivas para jovens são organizadas por adultos, assim como a direção dos treinamentos e a própria competição, que por uma série de razões, passam a atender muito mais aos interesses destes, do que das próprias crianças e adolescentes, sendo os pais, os principais atores neste meio.

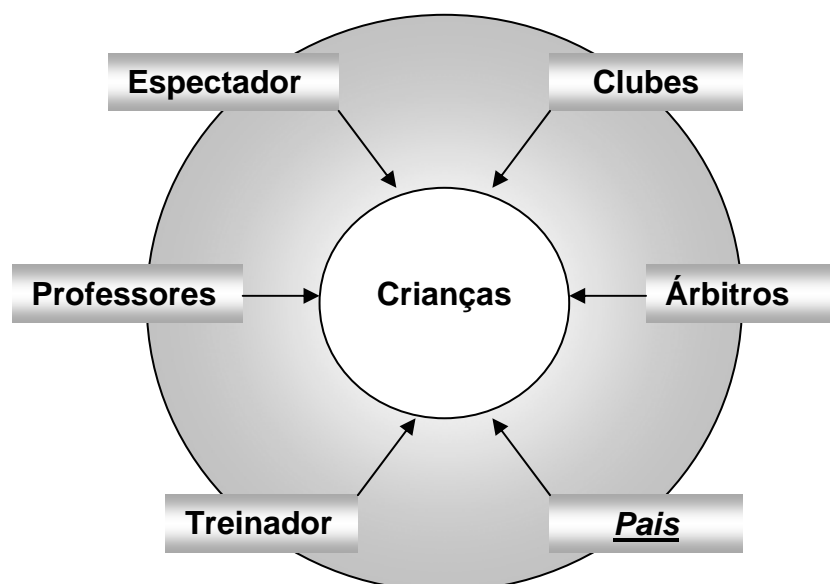


FIGURA 1- Círculo de influências

FONTE: Adaptado de BYRNE, 1993. p. 40

Segundo BYRNE (1993:41), dentre todos estes elementos, os pais, e os técnicos são os mais importantes, o que nos leva a destacar o modelo do “triângulo esportivo” Figura 2, relacionando a tríade treinador-criança-pais. Este triângulo, é constituído de pares de inter-

relações fundamentais, inevitáveis e decisivos na constituição de um ambiente adequado para a formação esportiva da criança.

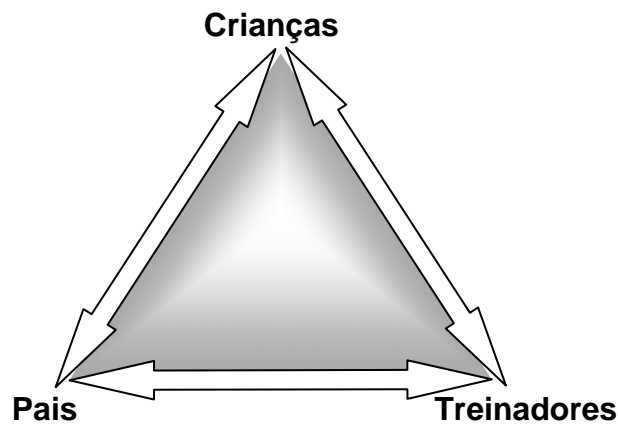


FIGURA 2 - Triângulo Esportivo

FONTE: BYRNE, 1993. P. 41

É inegável, que todas estas relações são fundamentais para a construção de um ambiente esportivo que possa atender aos interesses e necessidades das crianças e adolescentes no esporte. Entretanto, nos restringimos no presente estudo a analisar apenas os aspectos gerais da relação entre os pais e seus filhos no esporte. De acordo com WEINBERG & GOULD (2001:486) “nos últimos anos, tem sido dada considerável atenção ao melhor entendimento e identificação do papel que os pais desempenham na participação de crianças em esportes e atividades físicas”. O autor justifica esta situação, com base em relatos da imprensa popular sobre os possíveis efeitos negativos da participação de crianças no esporte. Não obstante, estas preocupações tem estimulado pesquisas na área da Psicologia do Esporte buscando “examinar o papel dos pais no esporte infanto-juvenil”. HELLSTADT (1995:117) reforça estas afirmações e apresenta um estudo de caso de uma jovem atleta de Tênis de 14 anos de idade para ilustrar os abusos de um relacionamento familiar inadequado e um modelo sistemático de intervenção, salientando a família como jogadores invisíveis, tamanha importância do apoio familiar na carreira do atleta.

Várias pesquisas apresentadas por WEINBERG & GOULD (2001:487) como Krane, Greenleaf, Snow (1997); Brustad (1993); Van Yperen (1995); Duda & Hom (1993); Streat (1995) abordam um contexto onde a influência do comportamento dos pais diante da prática esportiva de seus filhos e do incentivo a esta, podem afetar tanto de forma positiva, quanto negativamente o rendimento e a própria carreira dos jovens atletas. De acordo com

WEINBERG & GOULD (2001:487) “o desafio para pessoas envolvidas com esportes juvenis é identificar as formas precisas com que os pais podem afetar positivamente a experiência das crianças e encorajá-los a empregarem essas práticas. Simultaneamente, devemos identificar ações negativas e facilitar os esforços para elimina-las”.

Logo, vamos apresentar e discutir a seguir as influências e as principais formas de envolvimento dos pais no processo de desenvolvimento esportivo de crianças e adolescentes, suas consequências, bem como destacar algumas recomendações básicas em conformidade com a literatura especializada.

## **Aspectos gerais da influência dos pais no desenvolvimento psicológico da criança**

Para tentarmos agir de forma coerente com os anseios e dúvidas quanto os processos inerentes à formação de jovens atletas, é fundamental conhecermos os princípios do desenvolvimento da criança. Conforme MANOEL (1998:111) “o estudo do desenvolvimento tem sido tratado como sinônimo de estudo da criança”. Isto ocorre devido às importantes modificações (biológica, psicológica social, cultural, etc.) durante o período relacionado à infância. Entretanto, “a confusão entre o estudo da criança e o estudo do desenvolvimento pode obscurecer aspectos importantes para a melhor compreensão da criança e seu universo” (MANOEL,1998:111). É claro, que as concepções de desenvolvimento influenciam diretamente no conceito de criança, logo, não podemos tratá-los como sinônimos, mas sim, como termos conceituais fortemente interrelacionados. Em síntese, “poderíamos dizer que para entender a criança, nós não devemos estar interessados apenas com o que ela é, mas com o que ela pode ser” (MANOEL, 1998:126).

Os estudos do Desenvolvimento Humano, qualquer que seja a área de expressão (fisiológica, maturacional, psicológica, social, etc.) estabelecem evidências de que o comportamento da criança e do adolescente apresenta determinados padrões, mas que não constituem-se regras. O processo de desenvolvimento humano caracteriza-se conforme COUTINHO & MOREIRA (1992:27) como “o conjunto de competências manifestas num determinado momento da vida do indivíduo”. Esse desenvolvimento, expresso num processo sempre dinâmico, têm merecido a atenção de muitos estudiosos na história da humanidade, embora, em relação ao seu tratamento enquanto disciplina acadêmica, seja uma área de estudos relativamente nova.

De acordo com PRISZKULNIK (2002:11), a criança atualmente se encontra “no centro dos estudos de várias áreas de conhecimento. Psicologia, medicina, biologia, pedagogia, psicanálise, educação física, etc.” Para nosso contexto de estudo, destacamos a obra de MUSSEN (1975:84) que expressa a influência de colegas, família e situação no desenvolvimento da personalidade. De acordo com MUSSEN (1975:84), “a primeira aprendizagem social da criança ocorre em casa; suas primeiras ligações com a família – sobretudo sua ligação com a mãe – são consideradas como antecedentes decisivos de suas relações sociais posteriores”. Desde a satisfação das necessidades primárias da criança, alimentação, proteção, conforto, etc. até os contatos com estímulos visuais, táteis e cinestésicos, destacam a representação de sentimentos de prazer, alívio da tensão e alegria, dentre outros, associados com a ligação parental, geralmente tendo a mãe como principal agente.

Conforme TANI (1988:121) tanto o impacto destas influências externas, como o impacto de processos psicológicos internos, resultantes de experiências afetivas anteriores, denotam relações fundamentais que influenciam o comportamento social da criança. Logo, quando analisamos as influências externas, especialmente no caso da vida familiar, é sempre interessante refletirmos sobre nós mesmos, uma vez que segundo JERSILD (1966:143) “somos, em alto grau, produtos da espécie de criação que recebemos quando crianças, e temos uma responsabilidade a mais: todo adulto que lida com crianças desempenha o papel de pai, sejam essas crianças filhos seus ou de outrem”. Consequentemente, as atitudes dos pais constituem parâmetros essenciais para o desenvolvimento da personalidade do sujeito.

Dentre as diversas classificações sobre as formas de comportamento familiar em relação à constituição do ambiente de criação da criança, podemos adaptar e resumir as considerações de Jersild (1966) e Mussen (1975) em três níveis básicos orientados por pressupostos de comportamentos sócio-afetivos:

- Família democrática – De acordo com MUSSEN (1975:95), são “caracterizadas por estímulo, dado pelos pais, à curiosidade e à auto-expressão da criança, frequente discussão entre pais e filhos, consultas quanto a decisões”, valorizando assim, os interesses individuais e as características singulares da criança. Os sujeitos envolvidos neste ambiente familiar apresentam um perfil de elevado grau de liderança, atividade, desembaraço, autodefesa, criatividade, originalidade, construtividade, curiosidade, não conformismo e desobediência. Sendo portanto, muito sociáveis, ativos e desinibidos.
- Famílias autoritárias – são caracterizadas por um elevado nível de controle, muitas regras nítidas, proibições e restrições, buscando a formação de virtudes de respeito pela

autoridade, pelo trabalho e pela ordem. As crianças neste ambiente “tendem a ser quietas, bem comportadas, acanhadas, socialmente inibidas, muito conformistas, com pouca curiosidade e criatividade”. Embora os pais autoritários preguem o comportamento responsável dos filhos, esta prática não é observada nesta classe de família, ao passo que filhos de família democrática apresentam com maior vigor, esta característica. (MUSSEN, 1975)

- Famílias permissivas – apresentam como principais características a aceitação de impulsos, desejos e ações da criança. “Fazem poucas exigências à criança quanto à ordem, permitindo que, tanto quanto possível, ela regule suas atividades. Evitam o controle da criança, consultam-na quanto a decisões para programas e dão explicações quanto às regras da família.” “Os pais permissivos pouco fazem para estimular o comportamento responsável ou desestimular comportamento imaturo. Os filhos claramente não apresentam responsabilidade e comportamento orientado para realização”. (MUSSEN, 1975:97)

Embora os estudos que orientaram a obra aqui apresentada sobre a relação pais-filhos situarem-se conforme MUSSEN (1975:98) tanto em diferentes regiões, quanto em diferentes épocas e sob distintas metodologias, podemos destacar algumas considerações que aparecem em todos os resultados como estruturas fundamentais para favorecer o desenvolvimento da personalidade da criança frente a sua realização pessoal e social: Afetividade, apoio, cuidado dos pais, comunicação adequada entre pais e filhos, respeito dos pais pela autonomia dos filhos, sensibilidade às necessidades da criança, capacidade de apreciar a criança, dentre outras.

Com relação ao nosso tema proposto, é importante compreendermos este contexto visto que a influência dos pais na carreira esportiva do atleta é um aspecto multifatorial que apresentam questões estreitamente interrelacionadas com todos os construtos inerentes ao desenvolvimento do ser humano. Segundo CRATTY (1968:62), o profissional do esporte que trabalha com a criança deve procurar estar sempre bem informado sobre os vários caminhos aos quais a família pode influenciar a prática da atividade física da criança. As interações dentro da família são complexas, e incluem desde o relacionamento entre o pai-criança, mãe-criança, os sentimentos dos pais sobre a criança e as interações com os irmãos. Logo, não podemos simplesmente ignorar estas relações no dia a dia do ambiente esportivo, o comportamento do atleta nos treinamentos ou mesmo nas competições pode estar refletindo um contexto ao qual não é evidente por não estar relacionado diretamente ao treinador. Entretanto, esta situação é fatural e pode representar o sucesso ou o fracasso individual da

criança ou mesmo de sua equipe. De acordo com CRATTY (1968:63) maior influência que a prática da criança sobre sua personalidade, são os sentimentos dos pais em relação aos filhos, e isto pode nos conduzir à informações fundamentais para o estabelecimento de um ambiente adequado de desenvolvimento do jovem atleta.

## **Os tipos de influências dos pais na prática esportiva de seus filhos**

As diversas influências que os pais exercem sobre a criança e o jovem no esporte competitivo (Figura 3), pode determinar o contexto favorável ou não para a otimização do rendimento futuro do jovem no esporte. Analisar este contexto sob uma ótica sistêmica, nos permite observar que a estrutura, a cultura esportiva, as atitudes, dentre outros fatores característicos, apresentados pelos pais, são aspectos de grande influência na formação do filho atleta, e que tanto os fatores hereditários, quanto os sócio-ambientais fundamentam os eixos norteadores do desenvolvimento do jovem no esporte, uma vez que, considerando-se a influência familiar como microsistema de desenvolvimento, podemos indicar um ambiente mais propício para o desenvolvimento da carreira esportiva do jovem atleta. Conforme LATORRE (2001); MEDINA (2000) e GORDILLO (1992:30; 2000:120), torna-se necessário então, elaborar programas de trabalho para assessorar e colaborar com o treinador na intervenção adequada ao problema da relação infantil e juvenil com os pais, buscando a consecução dos objetivos de adequação no tratamento das crianças, bem como na adaptação das regras sociais que favorecem o desenvolvimento esportivo.

Além do mais, a figura dos pais constitui a maior influência para o ingresso da criança no esporte, entretanto, como cita HANLON (1994:1) muitas vezes os pais projetam seus sonhos de 20-30 anos atrás em seus filhos, buscando suprir seus interesses próprios, ao invés de ajudar suas crianças a terem experiências alegres, seguras e de grande valor. É claro, que seja ou não o pai um desportista, ele sempre quer o melhor para seu filho. O problema só se deflagra, quando uma determinada conduta passa despercebida, ou seja, de forma inconsciente, tanto em relação aos pais, quanto em relação às observações dos treinadores. Aspectos como estes, levam os pais a assumirem diferentes comportamentos, que poderão representar aspectos positivos ou negativos na carreira de seus filhos.

Segundo BECKER JR & TELÖKEN (2000:24) “analisando a conduta de pais de jovens esportistas, verifica-se que existem os que se dedicam a apoiar com sobriedade, outros que nunca estão presentes e ainda outros que só perturbam por sua conduta totalmente

desequilibrada”. HELLSTADT (1987) aborda o comportamento e envolvimento dos pais através de uma sistemática mais clara, que evidencia o conceito anterior, através da divisão de grupos em uma linha contínua, ordenada do sub envolvimento, passando para o envolvimento moderado (zona adequada) até o envolvimento excessivo, ou super envolvimento, Figura 4.

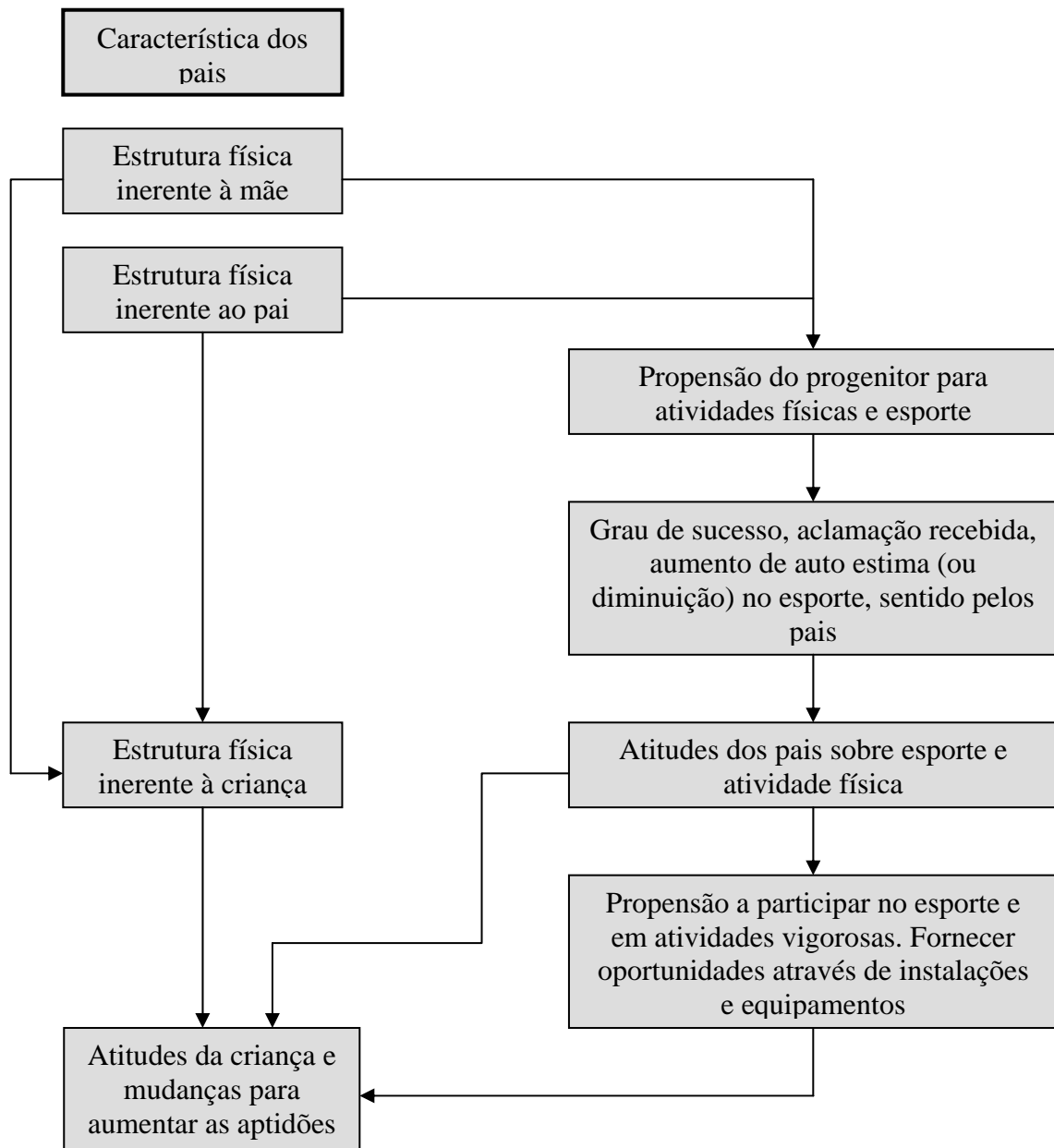


FIGURA 3 - Crianças e Jovens no Esporte Competitivo

FONTE: CRATTY 1984. p. 146

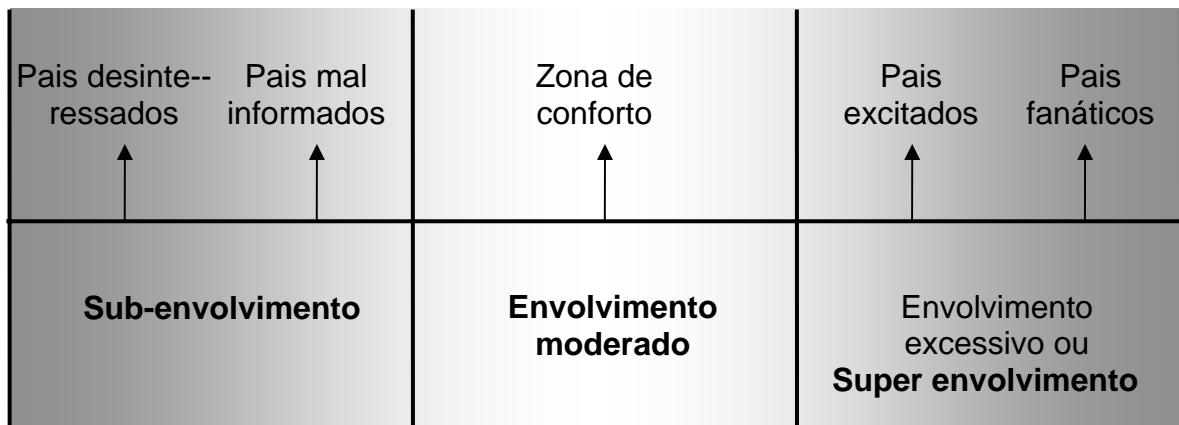


FIGURA 4 - O Contínuo do Envolvimento dos Pais

FONTE: BYRNE, 1993 p. 43

Destacaremos a seguir o resumo das características de cada forma de envolvimento dos pais neste contínuo:

- **Pais desinteressados**

São os pais que transferem a responsabilidade de cuidar de seus filhos para o treinador (esporte como “babá”). Eles inscrevem as crianças em programas esportivos, sem ao menos saber se o garoto gosta ou não daquela atividade. Estas crianças acabam sendo submetidas à situações de estresse, uma vez que são obrigados a praticar uma modalidade, não possuindo portanto, uma motivação intrínseca suficiente, que a leve a gostar e querer praticar esta atividade. Este comportamento pode gerar não somente o abandono ao esporte, como também uma futura intolerância a esta modalidade.

- **Pais mal informados**

São aqueles que permitem a prática esportiva de seus filhos à partir de uma primeira conversa, mas depois não se envolvem no processo de treinamento e competições. Nestes casos, não parece haver desinteresse por parte dos pais, mas uma incompreensão sobre a importância do seu papel frente a formação esportiva de seu filho.

- **Pais excitados**

Este grupo refere-se aos pais que tendem a estar sempre colaborando com o técnico. Frequentam aos treinamentos, se envolvem no processo de forma adequada. Entretanto, em

jogos mais empolgantes, se excitam de forma exacerbada, dirigindo aos árbitros com frases ofensivas e acabam prejudicando todo o ambiente competitivo. Pais nesta categoria não são más pessoas, geralmente, não percebem seu comportamento inadequado, e muito menos que estão constringindo seus filhos ou mesmo lhes dando um mal exemplo de conduta social e esportiva.

- **Pais fanáticos**

Sem sombra de dúvidas, são os mais problemáticos. Independentemente de suas experiências no esporte, bem ou mal sucedidos, eles criam um desejo comum, que seus filhos sejam os verdadeiros heróis no esporte. Nunca estão satisfeitos com o desempenho e sempre têm sugestões para melhoria deste. Acabam interferindo em todo processo de preparação, cobram muito de seus filhos a ponto de gerar grandes pressões e falta de prazer pela prática de esportes. Se exaltam facilmente com a conduta do árbitro e do próprio treinador de seu filho, criando um ambiente hostil e perturbado.

Seguindo esta mesma linha de estudos, LATORRE (2001) destaca o modelo de De Knop et al. (1998) sobre as formas de manifestações de pais que podemos encontrar no esporte, que de certa forma enquadram-se no modelo de Byrne (1993), constituindo apenas uma classificação mais minuciosa, logo a destacaremos de forma mais sintética:

**A - Pais desinteressados** – são os pais ausentes nas atividades, mas que no entanto, quando se fazem presentes, são reconhecidamente valorizados pelos filhos e os próprios treinadores.

**B – Pais excessivamente críticos** – Criticam continuamente seus filhos e os menosprezam. Nunca parecem estar satisfeitos com a participação do filho. Demonstram que a atividade parece ser mais “sua” que do filho. A crítica constante pode provocar estresse e distúrbios emocionais (dentre outros) que prejudicam profundamente a prática da criança.

**C – Pais exaltados** – Sentam-se na área de jogo (algo que nunca deve ocorrer), protestando e gritando com todos os atores do meio, causando grande constrangimento a seu filho.

**D – Pais treinadores de arquibancada** – Proclama aos atletas uma avalanche de instruções e informações, quase sempre contradizendo ao treinador, logo, confundindo toda a equipe.

**E – Pais super protetores** – Constantemente ameaçam retirar o filho da atividade esportiva. Possuem medo sobre os perigos associados ao esporte. Este medo pode ser transmitido aos filhos.

**F – Pais úteis** – Fomentam a participação no esporte, dando impulso necessário, despertando entusiasmo, ajudando, etc.

É importante ressaltar que concordamos plenamente com GORDILLO (1992:30) que a influência dos pais, queira ou não, é importantíssima, e esta não tem porque interferir no trabalho do treinador ou ser negativa. Logo, precisamos compreender melhor estas relações e propor trabalhos de orientação e intervenção junto à família, que possa estabelecer uma relação adequada e propiciar um ambiente ótimo para o desenvolvimento da carreira esportiva do atleta.

- Como abordamos anteriormente, vários estudos apresentam aspectos positivos e negativos do envolvimento dos pais e sua influência em diversos constructos psicológicos. Segundo HELLSTADT (1995:119) as pesquisas sobre famílias de atletas, ressaltam os pais como a maior influencia sobre o desenvolvimento do atleta. De forma geral, HELLSTADT (1995), BRUSTAD (1993), BECKER JÚNIOR & TELÖKEN (2000a; 2000b) e WEINBERG & GOULD (2001) ressaltam papéis fundamentais desenvolvidos pelos pais, como: os pais são os maiores responsáveis na introdução da criança no esporte, possuem significância primária na formação de atitudes nas crianças (principalmente meninos) voltadas para a vitória e o desenvolvimento de habilidades no esporte, no desenvolvimento do talento (MORAES, DURAND-BUSH & SALMELA ,1999:174), no rendimento em relação ao apoio nos momentos difíceis na carreira, no estabelecimento de metas para a carreira do filho, no combate ao estresse.

Portanto, acreditamos que é de indiscutível relevância, a influência dos pais na carreira esportiva dos atletas. Entretanto, ainda não observa-se na prática formas sistemáticas de análises e intervenções que possam estabelecer um nível ideal de relacionamento entre os agentes do triângulo esportivo. Logo, apresentaremos a seguir uma sugestão de como intervir junto aos pais buscando favorecer o ambiente de desenvolvimento da criança e do adolescente no esporte

## **Intervenção junto aos pais**

Com base no exposto até o momento, não há como negarmos que o trabalho do treinador, ou mesmo os objetivos que um determinado clube almeja quando investe na formação do atleta desde a infância, podem estar extremamente comprometidos caso não haja uma sistemática que busque alternativas para intervir e otimizar este processo.

Vários autores, LATORRE (2001); MEDINA (2000); GORDILLO (1992:30; 2000:120), BECKER JÚNIOR & TELÖKEN (2000a:27; 2000b:141) e WEINBERG &

GOULD (2001:488), destacam a necessidade de um programa de intervenção que possa minimizar os riscos de uma influência negativa. De acordo com WEINBERG & GOULD (2001:488), “embora os comportamentos negativos dos pais nunca venham a ser completamente eliminados do esporte infanto-juvenil, muito pode ser conseguido educando os pais e melhorando as linhas de comunicação entre pais, técnicos e organizadores”. Este mesmo autor ainda destaca a dificuldade dos pais em compreender estas questões, “é fácil culpar os pais por ações inadequadas e por problemas em nossos programas. Infelizmente, entretanto, quando as crianças nascem elas não vêm com um manual de instrução de envolvimento nos esportes, e a maioria dos pais teve pouco treinamento em como ter sucesso com os filhos no esporte”.

Logo, apresentaremos a seguir um programa de intervenção junto aos pais, que vêm sendo proposto e estudado por GORDILLO (1992:34; 2000:120) com base nas relações do Triângulo Esportivo. O autor elabora o programa em dois níveis distintos, o primeiro busca orientar as relações Escola/Clube – Pais e o segundo, a relação Treinador – Pais:

*Primeiro Nível: Relação Escola/Clube – Pais*

No primeiro nível, apresentam-se três objetivos básicos, que deveriam iniciar desde o momento da inscrição de uma criança ou adolescente em um programa esportivo, através de reunião individual ou com um grupo de pais:

- a) **Informar sobre a escola e sua filosofia** – apresentação do organograma e funcionamento do clube, filosofia de trabalho e os objetivos em relação à formação da criança, dimensões pessoal, afetiva, esportiva, etc. Constitui o marco referencial para todo o trabalho futuro.
- b) **Conscientizar sobre o que implica a prática esportiva do filho** – informar e direcionar a uma reflexão sobre o que envolve uma prática esportiva em termos dos papéis fundamentais que os pais devem assumir. Questões como: “temos tempo para dedicarmos a prática de nosso filho? Podemos assumir o compromisso esportivo de nosso filho? Conhecemos os motivos de nosso filho para praticar esporte? Estamos preparados para admitir as limitações de nosso filho? Podemos oferecer ao nosso filho um modelo de comportamento “esportivo”? Podemos aceitar as derrotas e vitórias de nosso filho?”, Ou seja, constitui um momento de alertar que a prática do esporte significa algo mais que está estabelecido tanto na filosofia e objetivos da instituição, quanto nos interesses do atleta, e cabe aos pais compreender para saber como e quando apoiar seu filho.

c) **Comprometer os pais no projeto**<sup>3</sup> – “indicar a direção na qual os pais podem atuar e colaborar para conseguir os principais objetivos do programa esportivo”.

1. Aprender a controlar as próprias emoções e favorecer emoções positivas nos filhos.
2. Aceitar o papel do treinador.
3. Aceitação dos êxitos e fracassos: estar orientado para motivação e a melhora.
4. Dedicção e interesses adequados
5. Manter uma boa comunicação com os filhos e ajudar para que tomem suas próprias decisões.
6. Ser um modelo de alto controle.

*Segundo nível: Relações treinadores – pais*

Dispõe sobre o programa que o treinador deverá estabelecer em termos de relacionamento com os pais, dados seu estilo, interesse, objetivos e meios. Alguns dos aspectos que podem ser interessantes abordar:

- Explicar as normas específicas da equipe, para que os pais colaborem em sua aplicação: alimentação, horas de descanso, comportamento dos jogadores, etc.
- O calendário de competições e a colaboração necessária por parte dos pais.
- Explicar os objetivos da equipe.
- Estabelecer um horário de orientação para facilitar e estabelecer (momento e lugar adequado) a comunicação treinador/pais.
- Estabelecer pautas de comportamento dos pais, se é necessário, para situações específicas: assistência e atitudes nos treinamentos ou partidas, etc.

Tais atitudes refletem uma transparência do trabalho que facilita muito na identificação, avaliação, compreensão e solução de vários problemas que possam surgir no ambiente esportivo da criança. Consideramos que tanto o clube, quanto o treinador deveriam sistematizar não só estas relações, como também outros procedimentos em termos dos colegas, tratamento com os árbitros, dirigentes, torcedores, etc. Neste contexto, cabe ao Psicólogo do Esporte ajudar no estabelecimento de diretrizes junto ao clube e aos técnicos que envolvam as especificidades dos objetivos e a própria filosofia do trabalho.

---

<sup>3</sup> Para maior detalhes de cada orientação, ver GORDILLO (2000:126).

## **Recomendações para o relacionamento entre os pais e filhos**

Com base na literatura apresentada por BECKER JÚNIOR (2000a; 2000b), GORDILLO (2000), WEINBERG & GOULD (2001) e HANLON (1994) apresentaremos algumas recomendações para que as inter-relações entre os pais e seus filhos atletas sejam mais adequadas no processo da formação esportiva da criança e do adolescente:

- Oportunizar, favorecer e encorajar a participação de seus filhos em diferentes modalidades esportivas. Após estas experiências, permitir a escolha da própria criança sobre qual esporte, ou quais esportes ela irá praticar. É claro, que este tipo de conduta implica em grande esforço por parte dos pais, além de algumas renúncias da vida particular como tempo, atividades próprias, e em alguns casos financeiros.
- Ajudar os filhos a decidirem quais os níveis de compromissos poderão assumir. Isto dependerá de múltiplos fatores, como as oportunidades que a cidade onde residem oferece, as experiências dos pais nos esportes, a situação econômica, o envolvimento com outras atividades fora do esporte, etc.
- Estar certo de que os filhos estão praticando as atividades em um ambiente propício e saudável para seu desenvolvimento integral. Demanda para tanto, a compreensão da filosofia da instituição, e os consequentes valores ressaltados por esta.
- Construir a auto estima da criança, através da compreensão dos aspectos inerentes ao sucesso e fracasso, orientando-as para motivação e melhora.
- Ajudar a criança a determinar objetivos reais de desempenho.
- Aprender a controlar as próprias emoções e favorecer emoções positivas nos filhos.
- Entender quais os interesses e necessidade das crianças no esporte, criando um ambiente favorável para que alcancem seus objetivos.
- Estabelecer limites de participação das crianças nos esportes. Os pais devem determinar se as crianças estão aptas fisicamente e emocionalmente para participar e assegurar que as condições do jogo sejam seguras.
- Certificar se o treinador é qualificado para orientar a criança no esporte.
- Ajudar a criança a entender lições valiosas que o esporte pode proporcionar.
- Ajudar a criança cumprir as responsabilidades com o time e o treinador.
- Aceitar o papel do treinador.

Todos estes aspectos são importantíssimos se pretendemos criar o melhor ambiente possível para o desenvolvimento da criança no esporte. Os estudos acerca do “expert” no

esporte apontam que os pais de atletas de alto nível em vários momentos da carreira do atleta envolvem-se de forma adequada no sentido de apoio e da busca do melhor, mais saudável e propício ambiente de desenvolvimento esportivo para seu filho. É necessário compreender que existe uma estrutura multifatorial, que caso não esteja sistematicamente planejada, dificilmente será passível do devido controle e da otimização do desenvolvimento de todas as capacidades esportivas do atleta.

## **Conclusão**

Os pais influenciam direta e indiretamente a carreira esportiva de seus filhos. A motivação, o estresse, o comportamento emocional, dentre outros aspectos, podem estar relacionados ao envolvimento dos pais neste contexto. Portanto, o assessoramento dos pais é uma área fundamental em que a Psicologia do Esporte poderá contribuir muito com o intuito de otimizar a comunicação e relação entre os agentes do triângulo esportivo. Atualmente a Psicologia aplicada aos atletas e aos técnicos (Coaching), já se configuram como áreas de grande relevância, ao passo que a intervenção psicológica e os respectivos estudos com relação às influências familiares ainda não são tão enfatizados na literatura, principalmente em nosso país.

O trabalho com crianças e adolescentes no esporte não pode apenas reproduzir o ambiente esportivo profissional. Aproximar o contexto das necessidades e dos direitos da criança, bem como da coerência e do compromisso para com seu desenvolvimento integral e harmônico, deve estar associado à realidade da criança em cada momento de seu desenvolvimento no esporte. A produção de conhecimentos nesta área deve ser sistematizada em metodologias de trabalho, em um caráter prático se realmente quisermos transformar e otimizar o desporto nacional.

Logo, apresentamos e discutimos algumas questões do envolvimento dos pais no esporte de seus filhos, buscando fomentar pesquisas e trabalhos nesta área, para que possamos fechar o triângulo esportivo como uma base referencial para o trabalho do Psicólogo do Esporte. Compreender as bases destas relações pode significar um trabalho mais eficaz e um consequente futuro brilhante para o esporte nacional.

## Referências bibliográficas

- BECKER JUNIOR, B. TELÖKEN, E. (2000a.) A Criança no Esporte. In BECKER JUNIOR (org.) *Psicologia Aplicada à Criança no Esporte*. Novo Hamburgo RS: EDELBRA. (15-30)
- BECKER JUNIOR, B. TELÖKEN, E. (2000b) A Criança no Esporte. In BECKER JUNIOR *Manual de Psicologia do Esporte & Exercício*. Novo Hamburgo RS: EDELBRA.(131-157)
- BRUSTAD, R.J. (1993) Youth in Sport: Psychological Considerations. In SINGER, R.N.;MURPHEY, M.; TENNANT,L.K.; *Handbook of Research on Sport Psychology*. New York: Macmillan Publishing Company. (695-717)
- BYRNE, T. (1993) Sport: It's a family affair. In LEE, M (Ed.) *Coaching Children in Sport: Principles and Praticce*. London: SPON.
- COUTINHO, M.T.C.; MOREIRA, M. (1992) *Psicologia da Educação: Um Estudo dos Processos Psicológicos de Desenvolvimento e Aprendizagem Humanos, Voltado Para a Educação*. Belo Horizonte: Editora Lê S/A.
- CRATTY, B.J (1968). *Psychology and Phisical Activity*. New Jersey: Prentice-Hall, Inc.
- CRATTY, B.J. (1984) *Psicologia no Esporte*. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil.
- FERRAZ, O.L. (2002) O Esporte, a Criança e o Adolescente: Consensos e Divergências. In DE ROSE JR, D. *Esporte e Atividade Física na Infância e na Adolescência: Uma Abordagem Multidisciplinar*. Porto Alegre: Artmed Editora. (25-38)
- GORDILLO, A. (2000) Intervenção com os Pais. In BECKER JUNIOR (org.) *Psicologia Aplicada à Criança no Esporte*. Novo Hamburgo RS: EDELBRA. (119-132)
- GORDILLO, A. (1992) Orientaciones Psicológicas en la Iniciación Deportiva. *Revista de Psicología del Deporte*, 1. (27-36)
- HANLON, T. (1994) *Sport Parent American Sports Education Program*. Champaign, IL: Human Kinetics.
- HELLSTADT, J.C. (1987) The Coach / Parent / Athlete Relationship. *The Sport Psychologist*. v.1, p.151-160.
- HELLSTADT, J.C. (1995) Invisible Players: A Family Systems Model. In MURPHY, S.M. (Editor) *Sport Psychology Interventions*. Champaign, IL: Human Kinetics. (117-146)
- JERSILD, A.T. (1966) *Psicologia da Criança*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada.
- KORSAKAS, P. (2002) O Esporte Infantil: As Possibilidades de uma Prática Educativa. In DE ROSE JR, D. *Esporte e Atividade Física na Infância e na Adolescência: Uma Abordagem Multidisciplinar*. Porto Alegre: Artmed Editora. (39-49)

LATORRE, D.L. (2001) Influencia de la Familia en el Deporte Escolar. *Lecturas: Educación Física y Deporte. Revista Digital*. Buenos Aires, ano 7, nº 40 setembro. <http://www.efdeportes.com>

MANOEL, E.J. (1998) O Que é ser Criança? Algumas Contribuições de uma Visão Dinâmica do Desenvolvimento Motor. In KREBS, R.J; COPETTI, F; BELTRAME, T.S. *Discutindo o Desenvolvimento Infantil*. Santa Maria: Palloti.

MEDINA, M.C.P. (2000) La Infancia y el Deporte. Perspectivas desde el Punto de Vista de la Psicología. *Lecturas: Educación Física y Deporte. Revista Digital*. Buenos Aires, ano 5, nº 18 febrero. <http://www.efdeportes.com>

MORAES, L.C.; DURAND-BUSH, N; SALMELA, J.H. (1999) Modelos de Desenvolvimento de Talentos. In BRASIL. MINISTÉRIO DO ESPORTE E TURISMO. INDESP, *Novos Conceitos em Treinamento Esportivo: CENESP-UFMG*. Brasília, Publicações INDESP - Série Ciência do Esporte. (171-190)

MUSSEN, P.H. (1975) *O Desenvolvimento Psicológico da Criança*, (7ªed). Rio de Janeiro: Zahar Editores.

PRISZKULNIK, L. (2002) A Criança que a Psicanálise Descortina: Algumas Considerações. In DE ROSE JR, D. *Esporte e Atividade Física na Infância e na Adolescência: Uma Abordagem Multidisciplinar*. Porto Alegre: Artmed Editora. (11-23)

TANI, G.; MANOEL, E.J.; KOKUBUN,E.; PROENÇA, J.E. (1988) *Educação Física Escolar: Fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista*. São Paulo: E.P.U.

WEINBERG, R.S.; GOULD, D. (2001) *Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício*. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed Editora.